



A área de Coroa Vermelha é mesmo dos pataxós, segundo a portaria assinada pelo ministro da Justiça

# Ministro decide que a posse de Coroa Vermelha é dos pataxós

Levi Vasconcelos

Os índios pataxós de Coroa Vermelha estão em festa. Pouco antes da zero hora de ontem, o funcionário da Funai Cleton Antônio chegou ao acampamento montado no meio da mata, nas terras reclamadas pela Goes Cohabita, e leu em voz alta a Portaria 1.042, assinada horas antes pelo ministro da Justiça, Íris Resende. A parte mais importante estava no Artigo 1º: "Fica declarada de posse permanente dos índios a Terra Indígena Coroa Vermelha, com superfície aproximada de 1.492 hectares".

Os gritos ecoaram na floresta e a festa começou. Os índios dançaram até as 4 horas da manhã e logo cedo saíram pelas fazendas das redondezas, procurando dois bois para comprar. O churrasco começou à tardinha e varou a noite. "Eu me senti como se estivesse no ar, flutuando, quase nem acreditei. Depois de tanto andar junto com Carajá pra baixo e pra cima pedindo isso veio a vitória. Os pataxós estão contentes", disse Nengo, presidente do Conselho de Caciques das 12 aldeias pataxós e vice-cacique de Coroa Vermelha.

Na prática, a portaria do ministro oficializa definitivamente a permanência dos índios em 1.420 hectares de mata no extremo do norte de Porto Seguro, limite com Santa Cruz Cabralia, e de outros 72 hectares em Coroa Vermelha, já em Cabralia, no local em que se diz ter sido celebrada a Primeira Missa no Brasil. A decisão governamental, que também autoriza o início da demarcação, é fato singular na história do Brasil. É a primeira vez em que terras ultravalorizadas pela concorrência imobiliária são passadas para as mãos dos índios, com o detalhe de que isto acontece justamente no local em que Cabral chegou há 497 anos e meio, dois anos e meio antes da megafesta que está sendo preparada para lembrar os 500 anos da presença portuguesa em terras brasileiras.

ria do Brasil. É a primeira vez em que terras ultravalorizadas pela concorrência imobiliária são passadas para as mãos dos índios, com o detalhe de que isto acontece justamente no local em que Cabral chegou há 497 anos e meio, dois anos e meio antes da megafesta que está sendo preparada para lembrar os 500 anos da presença portuguesa em terras brasileiras.

## Cohabita recorre

Apesar da portaria, a direção da Cohabita ainda não perdeu a esperança de reaver a posse de 800 dos 1.420 hectares da Gleba B da reserva. E é na valorização da área em poder dos índios que a direção da construtora aposta suas fichas. Ontem, o gerente da empresa em Porto Seguro, Aldenir Pires, afirmou que a questão foi encaminhada para o Departamento Jurídico com o objetivo de conquistar a reintegração



Aldenir Pires: empresa vai recorrer

da posse. "Sabemos que temos direito à indenização, mas como se trata de terras altamente valorizadas achamos que o governo ainda pode repensar a questão quando souber dos preços", disse ele.

Pires admite que, caso os índios fiquem mesmo com as terras, o projeto da Universidade do Descobrimento será inviabilizado. "Se não for naquela área perde o sentido. É uma mata virgem, preservada justamente com o propósito de servir para estudos da biodiversidade da mata atlântica. Os índios vão depredar tudo. Aliás, já começaram", observou. O aspecto da preservação do meio ambiente é um dos itens a que a empresa se apegou para enfatizar os seus objetivos. Por sinal, a abertura de uma estrada, que Pires chama "trilha, aberta para proporcionar passeios ecológicos", por um trator, deflagrou a confusão oito dias atrás.

"Isso aqui era mata pura quando eu cheguei. Derrubaram tudo e quem derrubou não foi o índio. Só resta esse pedaço e agora que a terra é do índio eles aparecem dizendo que querem preservar. É a mesma coisa da juíza que disse que os meninos que tocaram fogo no índio em Brasília estavam brincando. Eu queria muito fazer uma brincadeira dessas com ela. Pra ela ver como dói brincar com fogo na pele dos outros", afirmou o ex-cacique Itambé, o primeiro a chegar nas terras de Coroa Vermelha, no início dos anos 70. Ele garante que a própria Cohabita deflagrou o processo ao botar um trator no meio da mata. "Em junho abrimos uma trilha e ninguém protestou", refuta Pires.

# Índios não deixarão ninguém na área

Coroa Vermelha, o local em que o Frei Henrique de Coimbra teria celebrado a Primeira Missa no Brasil, é, segundo a portaria assinada pelo ministro da Justiça, uma área de 72 hectares, com 7,5 quilômetros de extensão ao longo da BR-367, a estrada que liga Porto Seguro a Cabralia. A parte que ficou para os índios situa-se entre a pista e a praia, começando no Rio Mutary, ao norte, e termina no Mutá, ao sul. É área nobilíssima nos 200 quilômetros que formam a chamada Costa do Descobrimento, que possui algumas casas de veraneio de luxo, barracas, bares, restaurantes e supermercados, sem falar numa infinidade de residências humildes. Os índios já avisaram que só índios vão permanecer. É lá que, se presume, haverá problemas na con-

solidação da reserva indígena.

"Nós estamos espremidos aqui, lutando há muito tempo por esta terra. Quem entrou já entrou sabendo que não ia ficar. O vice-prefeito de Itabela mesmo construiu uma mansão de pura má-fé. Ele foi avisado, o CRA embargou a construção por outros motivos, mas mesmo assim ele não obedeceu. Aqui, só vamos querer índios", disse o vice-cacique de Coroa Vermelha, Nengo, que também é presidente do Conselho dos Caciques das aldeias pataxós. "Ele comprou o terreno com escritura e tudo. Se a terra é do índio, enrolaram o patrão", afirmou um funcionário do hotel Chalés do Porto, pertencente ao paulista Rogério Pôncio de Paula, que funciona há um ano, com 16 apartamentos, mais restaurante

e recepção, dentro da reserva.

O núcleo da área, ponto de grande visitação turística, tratado nos documentos oficiais como uma "favela indígena", também é incluída no projeto chamado Museu Aberto do Descobrimento e o governo do estado pretende instalar no local um parque indígena. "Não temos nada contra aos benefícios. Tudo que vier de bom nós queremos, desde que fique claro que a área é do índio", afirma o cacique Carajá, assegurando que todos os projetos que forem executados futuramente terão de ser fruto de entendimentos com o governo federal e a Funai. "Nós não temos projeto nenhum. O único projeto que temos é o da luta pela demarcação e esse está aí, quase resolvido", concluiu.